

## QUADRINHOS INSTITUCIONAIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS GÊNEROS DA TURMA DA MÔNICA

Lorrane Santos Aragão MARTINS<sup>1</sup>

**Resumo:** As revistas em quadrinhos são utilizadas tanto como um meio para entreter os jovens e as crianças como também para transmitir informações educacionais. Elas, segundo Ramos (2009), são como um enorme rótulo, um hipergênero, que abarca vários gêneros diferentes. Mas outros gêneros de histórias em quadrinhos podem ser compostos pelos mesmos personagens? Nesta pesquisa, comprovaremos que sim. Para chegar a essa afirmação, utilizamos duas histórias da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa. A primeira é denominada “Uso racional da água e saneamento básico”, voltada para o gênero dos quadrinhos institucionais. Já a outra tem como título “Cebolinha em: a vida é dura, que tal amaciar?”, direcionada para os quadrinhos humorísticos. Ademais, para fundamentar esta pesquisa, baseamo-nos nos estudos de Maingueneau (2013; 2015; 2018), o qual aborda que, para reconhecer um gênero, é preciso verificar os critérios situacionais que cada um abrange. Além disso, com a intenção de contextualizarmos a trajetória de Mauricio de Sousa e o processo de criação de seus personagens, utilizamos sua autobiografia, intitulada “A história que não está no gibi”. Igualmente, analisamos os trabalhos de Bortoluzzi (2019), Mendonça (2008), Monteiro e Scholtz (2017), Queiroz (2012), Ramos (2014), Sarro (2017), Santos (2013) e Takahashi (2015), a fim de definirmos as características que os dois gêneros das histórias em quadrinhos mencionadas detêm. Para concluir, observamos, através deste estudo, que os critérios situacionais dos gêneros afetam sua produção, ainda que os conteúdos detenham os mesmos personagens, assim como as histórias em quadrinhos utilizadas para esta análise.

**Palavras-chave:** quadrinho institucional; quadrinho humorístico; gênero de discurso; turma da Mônica; Mauricio de Sousa.

**Abstract:** Comic books are used both as a means to entertain young people and children and to convey educational information. According to Ramos (2009), they are like a huge label, a hypergenre, which encompasses several different genres. But can other comic book genres be made up of the same characters? In this research, we will prove that they can. To make this point, we used two stories from Mauricio de Sousa's Turma da Mônica. The first is called “Rational use of water and basic sanitation”, aimed at the institutional comics genre. The other is entitled “Cebolinha in: life is hard, how about softening?”, aimed at humorous comics. In addition, to support this research, we based ourselves on the studies of Maingueneau (2013; 2015; 2018), who states that, in order to recognize a genre, it is necessary to check the situational criteria that each one covers. In addition, in order to contextualize Mauricio de Sousa's career and the process of creating his characters, we used his autobiography, entitled “The story that isn't in the comic book”. We also analyzed the works of Bortoluzzi (2019), Mendonça (2008), Monteiro and Scholtz (2017), Queiroz (2012), Ramos (2014), Sarro (2017), Santos (2013) and Takahashi (2015), in order to define the characteristics of the two comic book genres mentioned. In conclusion, we have observed through this study that the situational criteria of the genres affect their production, even though the contents have the same characters, as do the comics used for this analysis.

**Keywords:** institutional comic; humorous comic; genre of discourse; turma da Mônica; Mauricio de Sousa.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras – Português e Espanhol da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Guarulhos – São Paulo. lorrane.santos@unifesp.br

## Introdução

Histórias em quadrinhos (doravante HQs) que englobam o mesmo núcleo de personagens em todas as suas tramas podem formar mais de um gênero? Esse é o questionamento deste artigo. Após analisarmos algumas histórias da Turma da Mônica, observamos que elas visam tanto divertir os seus leitores com as tramas de determinados personagens, como também ensinam o seu público sobre as inúmeras questões presentes na sociedade. No caso dos quadrinhos institucionais, por exemplo, Bortoluzzi (2019, s.p) aborda que “a persuasão é muito mais enfatizada, pois deve-se motivar um eventual público a uma ação ou comportamento”.

Da mesma forma, Monteiro e Scholtz (2017) também argumentam sobre a relevância dos quadrinhos institucionais como um meio de comunicação. Eles destacam que “(...) as organizações desejam que as crianças sejam conhecedoras das suas atividades e que, quando adultos, lembrem de alguma forma do que foi lido, o que, segundo elas, contribuirá para a formação de um cidadão consciente, conhecedor de seus direitos e de outras profissões” (Monteiro; Scholtz, 2017, p. 5).

Entretanto, segundo Takahashi (2015), as HQs passaram por momentos difíceis até serem vistas como um meio de transmitir diversos ensinamentos para os seus leitores. Ramos (2009, p. 13) sublinha que “hoje, são bem-vindos nas escolas. Há até estímulo governamental para que sejam usados no ensino”.

Com relação à linguagem das histórias em quadrinhos, percebemos, através da obra de Ramos (2012), que elas possuem uma linguagem própria. Para o autor, “quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos” (Ramos, 2012, p. 17). Aliado a esse dado, Silva (2001) aborda que, na estrutura das histórias em quadrinhos, são utilizados textos posicionados dentro de balões que representam a fala de determinado personagem.

Como destacado por Silva (2001, p. 2):

(...) a marca da linguagem dos quadrinhos são os balões, o espaço onde a fala ou pensamentos dos personagens são inseridos. O uso dos balões delimita a diferença entre quadrinhos e qualquer outra forma de narrativa. Ao lado disso, algumas ferramentas lingüísticas são criadas para superar limitações específicas tais como a falta de som (Acevedo, 1990, p. 132); por exemplo, como o tamanho das letras e tipos de balões que indicam a intensidade da voz. Isto permite que os leitores possam ‘escutar’ sem que nenhum som seja emitido. Outro traço característico são as onomatopéias: palavras, letras, sinais e desenhos que procuram reproduzir os sons, os ruídos, as idéias etc.

Com a intenção de compreendermos e responder à pergunta levantada, utilizamos duas HQs produzidas pelos estúdios de Mauricio de Sousa. A primeira é intitulada “Uso racional da água e saneamento básico”, criada sob encomenda da empresa Sabesp<sup>2</sup> e publicada em PDF no ambiente digital. A instituição buscou transmitir às crianças a importância dos trabalhos que eles exercem. Por esse motivo, a revista não pode ser comercializada, visto que visa ensinar seu público-alvo.

Frente a isso, o foco desta história é explicar a importância de racionalizar a água, além da necessidade de todos os cidadãos terem acesso ao saneamento básico. Para isso,

<sup>2</sup> A Sabesp é responsável por tratar os esgotos e fornecer água para o estado de São Paulo. Para mais informações: <https://site.sabesp.com.br/site/interna/Default.aspx?secaoId=3>.

o pai de Cebolinha leva o filho e seus amigos até a nascente do rio do Limoeiro e lhes ensina o processo pelo qual a água precisa passar para exercer suas respectivas funções, além de orientá-los sobre o que pode ocorrer quando os cidadãos não possuem saneamento básico.

A segunda trama selecionada para este estudo trata de uma história em quadrinhos humorística, denominada “Cebolinha em: a vida é dura, que tal amaciar?”. O objetivo dessa história é narrar a indignação de Cebolinha com uma empresa de amaciante, pois Sansão (coelho de Mônica) não ficou macio quando ela o jogou nele. A narrativa foi publicada em revista impressa e reproduzida na plataforma do *Pinterest*, um *site* eletrônico que publica várias histórias da Turma da Mônica, entre outros conteúdos.

Considerando nosso conhecimento das revistas da Turma da Mônica, sabemos que elas possuem uma notória credibilidade com seu público. Para sustentar essa afirmação, observamos que o Instituto Pró-livro realizou uma pesquisa nos anos de 2007, 2011 e 2015, denominada “Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil”, cujo propósito era verificar o índice de cidadãos brasileiros que praticam a leitura. Por meio dela, percebemos que o cartunista Mauricio de Sousa é um dos autores mais conhecidos e admirados no Brasil. A pesquisa também buscou comprovar que os gibis da Turma da Mônica são alguns dos livros que mais marcaram a vida das pessoas. Na versão mais recente, a qual foi lançada em 2019, por exemplo, o desenhista ficou na sétima colocação entre os autores de literatura mais admirados e lidos.

Com o propósito de entendermos e respondermos ao questionamento levantado anteriormente, estruturamos esta análise em alguns tópicos. De início, nos dedicamos a descrever a trajetória de Mauricio de Sousa e o processo de criação de seus personagens. Em seguida, separamos uma seção focada em descrever o conceito de gênero de discurso, bem como os pontos que o cercam, todos baseados nos estudos de Maingueneau (2013; 2015; 2018). Na sequência, analisaremos as ponderações de teóricos que versam sobre as peculiaridades dos quadrinhos institucionais e humorísticos. Para concluir, com o objetivo de comprovar o argumento inicial, analisaremos os dois exemplos selecionados, a fim de verificar o que leva as duas histórias pertencerem aos quadrinhos institucional e humorístico, além de descrevermos como chegamos a essa conclusão.

### **Criação dos personagens**

Para que possamos compreender a trajetória do criador das histórias da Turma da Mônica e o processo de criação de seus personagens, separamos este tópico para tratarmos desse assunto. Para isso, utilizamos a autobiografia do desenhista, intitulada “A história que não está no gibi” (Sousa, 2017a).

Mauricio de Sousa nasceu no dia 27 de outubro de 1935, é casado e pai de dez filhos. Além disso, é um dos desenhistas mais conhecidos e admirados do Brasil, além de ser um empresário bem-sucedido.

No que concerne aos seus primeiros personagens, Sousa (2017a) menciona que, durante sua trajetória na *Folha da Manhã*, começou a fazer ilustrações divertidas para o jornal, a convite do cronista Lourenço Diaféria. Foi durante esse tempo que teve a ideia de criar um desenho de um menino e seu cachorro, pois sabia que seria difícil de o público rejeitar. O desenho começava com um homem falando em cima de um caixote, que logo foi ficando sem ouvintes. Sobrou somente um menino (que depois se tornaria o Franjinha). O menino levantou o caixote e libertou o cãozinho.

Diante disso, Sousa (2017a) relata que, em um certo período de sua carreira, conseguiu um espaço no jornal *Folha da Tarde*. Para sua estreia, reproduziu os desenhos do menino e seu cachorro que havia feito para Diaféria. O cartunista argumenta que pediu

ajuda aos jornalistas que trabalhavam com ele para encontrar um nome para o cachorro. Prontamente, foi denominado de Bidu. Assim, em 18 de julho de 1959, veio ao mundo a história de um menino e seu cachorro, sendo estes os primeiros personagens da Turma da Mônica.

No decorrer dos anos, em 1959, o cartunista descreveu que começou a trabalhar para a editora Continental. Nela, fez histórias para duas revistas. A primeira chamava-se “Zaz Traz”, a qual tinha vários desenhistas brasileiros. A segunda era denominada de “Bidu”. Nesta, o desenhista tinha mais espaço para criar. Foi durante essa etapa de sua vida que criou vários personagens, como, por exemplo, “(...) Titi, Manezinho, Jeremias e Chaveco (...)” (Sousa, 2017a, s.p).

Com o tempo, no segundo número da revista “Bidu”, Mauricio criou o personagem Cebolinha. Em sua autobiografia, relatou que sua inspiração veio devido a um menino de sua infância que também trocava a letra R pela L e tinha cabelos espetados. O pai do desenhista dizia que o cabelo do menino se assemelhava a uma cebolinha, assim, criou-se o nome do personagem. Posteriormente, no número cinco da revista “Bidu”, Mauricio transformou, pela primeira vez, um parente seu em personagem. Teve sua primeira filha, Mariangela, tornando-a irmã de Cebolinha (Maria Cebolinha) e trazendo a personalidade dela para a personagem.

Sousa (2017a) argumentou que, a convite da *Folha de São Paulo*, criou tiras para o projeto chamado de *suplemento infantil*<sup>3</sup>. Quem estava à frente era a jornalista Lenita Miranda de Figueiredo. Foi durante esse período de sua vida que nasceu uma das personagens mais conhecidas pelo público. Em março de 1963, criou Mônica, inspirada em sua segunda filha. A personagem estreou em uma história de Cebolinha, já lhe dando coelhadas. Foi um enorme sucesso. Sendo inspirada na filha do cartunista, ambas adoravam um coelhinho encardido, que após 20 anos, por meio de um concurso entre os fãs, foi denominado de Sansão (o mesmo ocorreu com o gato Mingau de Magali). No mesmo ano, também integrou sua filha, Magali, na turminha. Segundo o desenhista, sua filha era “(...) companheira e bem-humorada, estava sempre com fome, comia o dia todo e não engordava. Se deixassem, vivia só de melancia” (Sousa, 2017a, s.p). Foram estes os mesmos traços da personagem, Magali.

A turminha seguiu crescendo. Sousa (2017a) abordou que, no ano de 1961, começou a criar um personagem, também baseado em um menino de sua infância. O menino tomava banho somente aos sábados e, por isso, tinha marcas de sujeira em seu corpo. O pai do ilustrador o chamava de Cascão. Devido a esse motivo, nasceu, em 1963, o personagem Cascão, cuja característica principal é o fato de ter medo de água e ser amigo fiel de Cebolinha. Com o tempo, foi criando os demais personagens, como Hiro, Penadinho, Astronauta, Chico Bento, entre outros. Segundo o cartunista, o personagem Chico Bento antes era coadjuvante, mas o desenhista quis aproveitá-lo melhor e lhe dar mais espaço nas tiras. Assim como a Mônica, não foram criados para serem protagonistas, mas não era esse o desejo do público.

Ademais, o desenhista descreveu que, com a intenção de levar os personagens às escolas, a jornalista Lenita Miranda que, como mencionado, estava a cargo do projeto *suplemento infantil*, sugeriu que as historinhas poderiam acompanhar o currículo escolar. Várias escolas passaram a utilizar os quadrinhos como materiais didáticos. Os próprios professores, segundo explicou Sousa (2017a), pediam às crianças que levassem as historinhas para as aulas.

<sup>3</sup>“No dia 14 março de 1934 o Suplemento Infantil chegou às bancas como encarte do jornal A Nação” (Sousa, 2017, s.p).

Somando a isso, como os desenhos do cartunista passaram a fazer muito sucesso com as crianças, no ano de 1965, o governo, pela primeira vez, viu que os personagens poderiam se enquadrar em campanhas institucionais e educacionais. Desse modo, o ilustrador produziu, sob encomenda do governo, seis tiras para uma campanha contra a desidratação infantil, organizada pela Secretaria de Saúde da Prefeitura de São Paulo. As escolas levaram esse discurso aos seus alunos para instruí-los a beberem mais água e suco. Em consequência disso, “em pouco tempo o problema começou a diminuir nos ambulatórios da rede pública” (Sousa, 2017a, s.p). Isso criou um novo mercado explorado pelo autor, o dos quadrinhos encomendados por empresas e instituições. Foi um segmento em que continuou a atuar nos anos e décadas seguintes.

Ainda, em 2007, a fim de demonstrar a credibilidade dos gibis de Mauricio de Sousa, a personagem Mônica foi nomeada “embaixadora do Unicef, Fundo das Nações Unidas para a Infância, um organismo da ONU. Nos 61 anos de existência do órgão, foi a primeira vez que um personagem, uma criatura que só existe no desenho, e não uma pessoa de carne e osso, recebeu a honraria” (Sousa, 2017a, s.p).

Para concluir, nos dias atuais, Mauricio de Sousa é aposentado e não é mais o principal responsável por criar as histórias da turminha, como fez no início de sua carreira. No entanto, a MSP (Mauricio de Sousa Produções) prossegue criando as revistas. Atualmente, suas histórias são publicadas em diversos portais e redes sociais. Para citar como exemplo, elas são publicadas na plataforma do *Instagram* e no *Pinterest*. Porém, mesmo com o avanço da tecnologia e pelo fato de existirem diversas histórias publicadas no ambiente digital, as revistas físicas continuam sendo um fenômeno nas bancas. Igualmente, seu estúdio prossegue lançando histórias de diversos tipos de gêneros.

São criadas tanto tramas que divertem as crianças, como também aquelas que abordam assuntos mais complexos. Para ilustrar, atualmente existem diversas revistas da Turma da Mônica direcionadas para o gênero institucional. As empresas utilizam a figura dos personagens para informar seus colaboradores sobre informações que contribuirão para o funcionamento da instituição. Alguns órgãos governamentais também fazem o mesmo, pois pretendem ajudar a sociedade sobre temas importantes. A título de exemplo, existem revistas que abordam temas relacionados ao meio ambiente, revistas que expõem questões de saúde ou, como no caso a ser analisado, que trata da relevância do saneamento básico.

**Figura 1** – Cascão, Mônica, Cebolinha e Magali



**Fonte:** Imagens PNG. *Pinterest*.

## Gêneros de discurso e suas marcas

A corrente teórica deste artigo está centrada na Análise do Discurso, por este motivo, faz-se necessário entender os elementos que o cercam. Para isso, utilizaremos os trabalhos de Maingueneau (2013; 2015; 2018), por ser um dos autores que produziram trabalhos voltados para este tema, assim como os tópicos que o envolvem.

Inicialmente, abordaremos o conceito de gênero de discurso. Para Maingueneau (2013, p. 65) “Todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um *gênero de discurso*”. Os gêneros, como discorre o autor, estão relacionados com todas as produções verbais que se manifestam em momentos apropriados e com protagonistas específicos. Somando a essa definição, o professor francês explica que os indivíduos possuem inúmeros termos para denominar os textos presentes em uma sociedade, por isso sua categorização é muito variada e existem diversos tipos de discurso.

Perante essa descrição, um dos temas abordados nas obras do autor está relacionado às três cenas de enunciação que cada texto comporta e que estão vinculadas aos gêneros de discurso. Estas cenas são referidas pelo autor como cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena, como pontua Maingueneau (2015), refere-se a um quadro e a um processo, “ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças (...) e as sequências das ações, verbais e não verbais” (Maingueneau, 2015, p. 117). Igualmente, sublinha que todo gênero de discurso possui este quadro e que varia conforme as especificidades de cada gênero.

A primeira cena estudada pelo autor é denominada de cena englobante. Ela versa sobre os múltiplos tipos de discurso que cada texto envolve. Há discursos publicitários, religiosos, políticos, entre outros, como discorre o analista do discurso em sua obra. Desse modo, para que os destinatários identifiquem a categoria de um texto, devem analisar essa instância a fim de definir a qual gênero a determinada obra pertence.

Para usarmos de exemplo, um dos focos desta análise é demonstrar a distinção de dois gêneros de histórias em quadrinhos – institucional e humorístico. O leitor que tiver contato com um desses textos precisará verificar se sua cena englobante está direcionada para os quadrinhos institucional ou humorístico, além de analisar quem é a voz predominante que está proferindo o respectivo texto e para quem ele se dirige.

Sob essa definição, um dos métodos utilizados e enfatizados na obra de Maingueneau (2015), que está associado a esta cena, consiste na identificação dos enunciadores e destinatários de cada texto. Utilizando o próprio exemplo do professor francês, uma “cena englobante política, por exemplo, implica uma relação entre um ‘cidadão’ dirigindo-se a ‘cidadãos’ sobre temas de interesse coletivo” (Maingueneau, 2015, p. 119). Além disso, os autores deverão ter domínio sobre aquilo que estão discorrendo. Ainda sobre esse raciocínio, é relevante destacar que esses elementos da cena englobante acabam interferindo na construção do quadro cênico dos textos, pelo fato de os tipos de discurso abrangerem aspectos distintos, como enunciadores e destinatários.

Nos estudos do analista do discurso, verificamos que a cena genérica aborda sobre os critérios situacionais de cada gênero. Maingueneau (2018) enfoca que essa cena se refere às expectativas do público e às antecipações por parte do autor. Por esse motivo, para este artigo, essa cena é uma das mais importantes, dado que, ao analisarmos os critérios situacionais dos textos, somos capazes de reconhecer o seu gênero. Assim, estudaremos os seguintes parâmetros mencionados por Maingueneau (2015), que integram essa cena: “uma ou mais finalidades”, “papéis para os parceiros”, “um lugar apropriado para seu sucesso”, “um modo de inscrição na temporalidade”, “um suporte”, “uma composição” e “um uso específico de recursos linguísticos”.

Mas, antes de iniciar esta exposição, é pertinente frisar que os aspectos citados sofreram algumas modificações no que tange ao nome desses parâmetros. Em Maingueneau (2013), eles eram reconhecidos como: “uma finalidade reconhecida”, “o estatuto de parceiros legítimos”, “o lugar e o momento legítimos”, “um suporte material”, “uma organização textual” e “recursos linguísticos específicos”. Já na segunda reimpressão da obra de Maingueneau (2018), sendo a primeira edição de 2006, esses elementos são identificados como: “uma finalidade”, “estatutos para os parceiros”, “circunstâncias adequadas”, “um modo de inscrição na temporalidade”, “um suporte”, “um plano textual” e “certo uso da língua”. Com base no exposto, utilizaremos a nomenclatura de (2015) para nos referirmos a essas categorias.

O primeiro caso a ser analisado é identificado como “uma ou mais finalidades”. Esse elemento tem como foco delimitar a finalidade dos textos, ou seja, averiguar o propósito do locutor na produção de um determinado gênero. Maingueneau (2015) realça que essa prática não é feita com recorrência, haja vista que o interlocutor só questiona a finalidade de um texto se for algo que o gere estranheza.

Para ilustrarmos, Maingueneau (2015, p. 121) destaca que “se se pergunta a um estudante de uma faculdade de letras qual é a finalidade de uma dissertação, ou a um telespectador, qual é a finalidade de um *talk-show*, obtêm-se respostas bastante diferentes”, visto que cada gênero possui um objetivo específico.

Ainda sob essa instância, há outro ponto que caminha em conjunto com a finalidade de um gênero. Em Maingueneau (2013), é evidenciado que cada gênero de discurso cogita modificar a situação da qual faz parte. Se uma empresa produz, por exemplo, uma revista ensinando sobre diversas ações a serem seguidas para prevenir acidentes no ambiente de trabalho, tem como propósito evitar que seus colaboradores fiquem doentes ou feridos.

Prosseguindo, o outro aspecto presente na cena genérica é reconhecido como “papeis para os parceiros”. Maingueneau (2015) salienta que em todo gênero há um papel estabelecido para todos os envolvidos presentes no momento de interação e que cada um deles abarca um determinado dever. Para entender melhor esse ponto, optamos por utilizar a obra de 2013 do professor francês. Nela, observamos a necessidade de compreender o papel do enunciador e do destinatário, visando entender quem fala e para quem está se dirigindo a determinada obra.

O analista do discurso argumenta, por meio de um exemplo, que um professor deve assumir um papel de alguém que entende e domina o assunto que está proferindo aos seus alunos e eles, como destinatários, deverão assumir o papel de uma pessoa que não conhece o assunto abordado. Ademais, é relevante destacarmos que essa instância está conectada à cena englobante dos textos, pois, como salientado, o tipo de discurso influencia na construção do quadro cênico dos textos, pelos locutores e interlocutores que cada texto envolve.

Dando continuidade, verificamos que um dos pontos que compõem o quadro cênico dos textos é identificado como “um lugar apropriado para seu sucesso”. Este elemento tem como propósito explicar que o local utilizado para transmitir o assunto de um texto influencia muito no seu gênero. Se um folheto publicitário de uma empresa de maquiagem, por exemplo, for distribuído em um julgamento, escola ou igreja, há grandes chances de não atingir o seu objetivo. Por isso, a necessidade de um lugar adequado.

No que tange ao tópico “um modo de inscrição na temporalidade”, constatamos que depende do tempo de cada obra. Para exemplificar, o tempo de validade de um folheto promovendo um candidato político é diferente do tempo de uma matéria de um jornal. No primeiro caso, depende do tempo que as eleições estiverem ocorrendo, podendo ser

um mês, dois meses etc. Já no segundo caso, normalmente dura entre um dia, uma vez que as notícias são atualizadas diariamente.

O próximo parâmetro a ser analisado é denominado “um suporte”. Ele refere-se ao suporte material utilizado para propagar os gêneros. Essa instância, como mencionado pelo autor, “não é um conteúdo que tomaria emprestado de maneira contingente algum suporte (...) ele é indissociável de seu modo de existência material” (Maingueneau, 2015, p. 122). Além disso, acreditamos que ele anda em conjunto com o “lugar” utilizado para distribuir ou publicar um respectivo texto. Para compreendermos melhor, podemos utilizar como exemplo o fato de um panfleto publicitário ser entregue em uma escola. Consequentemente, como apontam os estudos do autor, o gênero seria modificado.

Para concluir os parâmetros presentes na cena genérica, há outros dois aspectos a serem considerados: “uma composição” e o “uso específico de recursos linguísticos”. Sobre o primeiro aspecto, Maingueneau (2013, p. 75) descreve que dominar “um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores”.

Alguns gêneros, segundo o autor, são ensinados, como artigos, dissertações, entre outros. No entanto, outros gêneros são absorvidos por impregnação, como a estrutura de uma conversa entre amigos. Sabemos como ela é organizada, pois nos deparamos e exercemos esse gênero diariamente.

No que concerne ao último parâmetro, verificamos que esse critério está relacionado com os recursos linguísticos que cada gênero engloba. Um resumo acadêmico, por exemplo, aplica recursos linguísticos mais técnicos e formais. Porém, se observarmos uma história infantil, perceberemos que sua linguagem é mais simples e de fácil compreensão.

Para finalizar a definição das três cenas, abordaremos a respeito da cenografia. Utilizaremos a definição de Maingueneau (2018), a qual sublinha que essa cena, está relacionada com a cena narrativa criada pelo próprio texto, sendo ela validada pela enunciação. Maingueneau (2018, p. 256) discorre que o termo “validado não significa valorizado, mas já instalado no universo de saber e de valores do público”. Assim, a cenografia, como pontua Maingueneau (2018, p. 264) “não é um simples alicerce, uma maneira de transmitir ‘conteúdos’, mas o centro em torno do qual gira a enunciação”. Diante dessa descrição, entendemos que a cena em questão se refere às características únicas que todos os gêneros abrangem, sendo este o primeiro contato do leitor com os inúmeros gêneros existentes.

Por fim, após examinarmos e apresentarmos todos os aspectos que caracterizam os gêneros de discurso, com base nos trabalhos de Maingueneau (2013, 2015, 2018), convém dissertar sobre a noção de “hipergênero” aplicada pelo autor. Para o professor francês, um “‘hipergênero’ não é um gênero de discurso, mas uma formatação com restrições fracas que pode recobrir gêneros muito diferentes” (Maingueneau, 2015, p. 130). Nesse sentido, em virtude de o objeto de análise deste artigo ser histórias em quadrinhos, insere-se nesta noção. Para dar mais embasamento a essa questão, Ramos (2009, p. 20, grifos do autor), aborda que as HQs “(...) seriam, então, um grande rótulo, um **hipergênero**, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”. Portanto, entender a noção de gênero de discurso e os aspectos que o constituem, somados à compreensão de que outros gêneros de histórias em quadrinhos podem ser compostos pelos mesmos personagens, auxilia na comprovação que será discutida.

## Quadrinhos institucionais e humorísticos

Como salientamos anteriormente, o objetivo deste artigo é demonstrar que é possível outros gêneros de histórias em quadrinhos serem formados utilizando o mesmo grupo de personagens. Logo, consideramos necessário diferenciar as especificidades de dois gêneros de histórias em quadrinhos — institucional e humorístico, com base no argumento de que serão utilizados para comprovar a hipótese em questão.

Começamos analisando as peculiaridades dos quadrinhos institucionais. Iniciaremos pela tese de Mendonça (2008), que trata do termo “quadrinização”. A autora explica que esse termo diz respeito a um processo pelo qual diversos gêneros se ajustam para a linguagem dos quadrinhos. Nesse sentido, compreendemos que as HQs têm a capacidade de transmitir diversos tipos de informações de forma clara e objetiva para os seus leitores, pois, como abordado por Mendonça (2008, p. 4):

As potencialidades oferecidas pela quadrinização são didáticas e de envolvimento do leitor, seja este: a) pela natureza lúdica, pois as HQs são associadas, quase sempre, à diversão, à leitura descompromissada e, portanto, supostamente mais leve e fácil; b) pelo enredo, expondo fatos numa leitura feita pelos menos escolarizados; c) pelos personagens, que podem acionar um processo de identificação com os leitores, essencial para o sucesso da campanha propagandística.

Nessa perspectiva, as HQs da Turma da Mônica foram modificadas para se enquadrarem aos moldes dos quadrinhos institucionais. Para diversos pesquisadores, o termo “quadrinhos institucionais” pode abarcar diferentes nomenclaturas. Para Sarro (2017, p. 29), podem ser referidos como “quadrinhos institucionais, quadrinhos corporativos ou mesmo quadrinhos de empresa (...)”. Já Mendonça (2008) utiliza a expressão “cartilhas quadrinizadas” para direcionar-se a esse termo. Desse modo, apesar de essas definições serem distintas, referem-se ao mesmo objeto.

No que tange à sua finalidade, entendemos que, além das instituições utilizarem esse meio de comunicação para divulgar a significância de seus serviços, também aspiram modificar uma determinada situação. Nesse caso, por exemplo, podem ser ações que beneficiariam os trabalhadores de determinada empresa ou algo que poderá auxiliar toda a sociedade.

Segundo Mendonça (2008), ainda há outras razões pelas quais as HQs transmitem informações, que podem ser um pouco complexas, de um jeito compreensível para todos os leitores. A autora afirma que:

As imagens, geralmente caricaturais, e a narrativa de ficção, característico na maioria das HQs, seriam diferenciais que deixariam o texto mais “leve” e mais inteligível. A voz no senso comum já nos diz que vivemos a geração da imagem e, portanto, como destacamos, a presença de outras semioses, que não exclusivamente a verbal, é uma opção cada vez mais comum, seja no domínio da ciência, da publicidade ou do jornalismo (Mendonça, 2008, p. 8).

Seguindo um contexto similar, Sarro (2017) expõe que as revistas que dispõem desse gênero (institucional) utilizam a parte visual, juntamente com uma linguagem mais alegre, para explicar as ações que as respectivas empresas exercem, visto que essas instituições terão mais credibilidade. O autor argumenta que: “Como normalmente a

linguagem utilizada e o tipo de desenho tendem a conotar uma atitude alegre, lúdica e positiva, isso contribui para a construção de uma imagem institucional positiva também junto à comunidade extra organização, como produto indireto dessa ação” (Sarro, 2017, p. 35).

Quanto ao público-alvo desse gênero, analisamos no trabalho de Sarro (2017) que, apesar de os quadrinhos de uso corporativo (termo utilizado pelo autor) possuírem um alvo específico, sendo neste caso os trabalhadores de uma determinada instituição, outras pessoas podem ter acesso a esse material. Em sua tese, é descrito que:

Apesar de ser voltado prioritariamente ao público interno (a empregados e outros colaboradores, eventualmente mesmo para indivíduos em posição de liderança, em organizações tanto privadas quanto públicas), invariavelmente esse tipo de quadrinhos acaba por chegar às mãos de pessoas do círculo íntimo dos membros das organizações (...), como família imediata (filhos, cônjuges, irmãos, sobrinhos etc.) e também da comunidade ou comunidades de interesse das quais participam (clubes, igrejas, associações de classe, culturais, esportivas etc.) (Sarro, 2017, p. 34).

Para concluir as características que abrangem esse gênero, é destacado por Sarro (2017, p. 36) que ele se diferencia dos quadrinhos de entretenimento por buscarem “informar, educar e persuadir um determinado público quanto a uma mensagem pontual - visando adesão a um comportamento ou conjunto de valores (...) ou aquisição de alguma competência prática ou habilidade, geralmente com algum elemento lúdico”. Em outras palavras, os quadrinhos institucionais possuem sua própria finalidade.

Dando continuidade, como já definimos as características que compõem os quadrinhos institucionais, avançaremos para o segundo foco desta pesquisa: definir os elementos presentes nos quadrinhos humorísticos. Abordaremos as ponderações de alguns autores a fim de compreendermos suas principais características.

O humor é um dos elementos que gera o efeito cômico nas histórias em quadrinhos e um dos aspectos que compõem os quadrinhos de cunho humorístico. Santos (2013) define esse termo como sendo uma narrativa que, influenciada por questões externas, como sociais, culturais e históricas, promove o riso em seu receptor. Para Queiroz (2012, p. 58), esse termo trata de “uma intervenção do homem na realidade padrão, que altera sua continuidade e a torna imprevisível, gerando uma situação cômica (...) ou seja, provocando o riso”.

Identificamos na pesquisa de Santos (2013) que o humor é gerado muitas das vezes pela quebra da expectativa. As histórias iniciam, normalmente, sem um propósito humorístico, mas, no final, ao se romper o que o destinatário esperava da história, é o momento em que se promove a comicidade do texto.

Em decorrência disso, Santos (2013, s.p) discorre que:

Cabe ao elemento disjuntor surpreender o leitor, invertendo suas expectativas, por meio de elementos verbais (algo dito pelo personagem) ou a partir de uma ação empreendida pelo personagem, ou por uma combinação de ambos. O elemento disjuntor introduz uma informação, uma novidade, na narrativa, e é essa novidade, inesperada ou absurda, que gera o humor.

Outra questão a ser considerada diz respeito aos conhecimentos que o leitor precisará ativar para interpretar os textos que detêm desse gênero. Queiroz (2012, p. 93)

explica que “(...) a leitura dos quadrinhos de humor provoca o leitor em relação a dois aspectos: o entendimento de uma linguagem dinâmica e condensada e a compreensão da comicidade, que exige do leitor conhecimentos externos à obra, geralmente relacionada a aspectos culturais”. Ele afirma também que “o humor e o riso não se referem apenas a um gesto desprovido de sentido, mas sim a um fenômeno que carrega consigo uma gama de conhecimentos implícitos e complexos (...)” (Queiroz, 2012, p. 94).

Diante de tudo que foi demonstrado, ainda há outro ponto que precisamos considerar sobre este tema. Entendemos, através do estudo de Ramos (2014), que, por diversas vezes, os leitores podem acreditar que as histórias que utilizam o recurso do humor são, de fato, centralizadas nesse gênero. De acordo com o autor, a “tendência (...) é a de olhar as narrativas cômicas compostas por uma ou mais páginas como sendo humorísticas” (Ramos, 2014, s.p). No entanto, como ele explica, nem sempre essa conclusão é precisa, pois “(...) o humor pode ser usado em narrativas quadrinísticas não apenas como temática central, mas também como recurso para composição das histórias. Embora possam se confundir no caso dos gêneros de humor, trata-se de situações distintas”. (Ramos, 2014, s.p).

### **Turma da Mônica: quadrinhos institucionais e humorísticos**

Histórias em quadrinhos que detêm do mesmo núcleo de personagens podem proporcionar uma certa dificuldade na determinação de seu gênero. As histórias da Turma da Mônica, objeto desta pesquisa, estão incluídas nessa questão. Com o propósito de comprovar que suas histórias podem se enquadrar em mais de um gênero, selecionamos dois recortes para corroborar a afirmação feita. O primeiro discorre sobre a importância de racionalizar a água e de possuir saneamento básico. O segundo narra a indignação de Cebolinha com a empresa de amaciante.

Para fundamentarmos esta análise, utilizamos os estudos do analista do discurso Maingueneau (2013; 2015; 2018), o qual comprova que os gêneros de discurso podem ser definidos por meio de critérios situacionais. Como já mencionado, observamos em suas obras que, para classificarmos um gênero, é preciso examinar os seguintes parâmetros: os autores envolvidos; a finalidade e a situação que o texto busca alterar; o momento, o lugar e o suporte material utilizado para discorrer o conteúdo; o papel do enunciador e do destinatário; a sua composição; o recurso linguístico utilizado no texto e a sua cenografia. Todos esses elementos pertencem à cena genérica, exceto a cenografia, em razão de que essa cena possui suas próprias peculiaridades. Para finalizar, analisaremos uma última cena, esta é denominada de “cena englobante”. Trataremos sobre esse tema separadamente, pois demonstraremos o motivo dessa cena interferir na construção da cena genérica.

Assim, observando esses aspectos, será possível delimitar a que gênero pertencem os recortes utilizados como exemplos. Mas, antes, cabe registrar que, com relação aos personagens envolvidos, estes são os mesmos nos dois recortes. A diferença é que, no primeiro recorte, utilizaram-se todos os protagonistas (Cascão, Cebolinha, Magali e Mônica) e o pai de Cebolinha. Já no segundo, pelo fato de a história focar nas tramas de Cebolinha e Mônica, somente a figura deles foi utilizada.

Diante dos elementos apresentados, compreendemos nos trabalhos de Maingueneau (2018) que todo gênero de discurso dispõe de sua própria cenografia. Este termo diz respeito ao modo como o gênero é apresentado para a sociedade. Neste caso, tanto o quadrinho institucional quanto o humorístico, utilizados para este estudo, abarcam a mesma cenografia, ambos são manifestados com a linguagem das histórias em quadrinhos. O que os distingue são os aspectos que abordaremos a seguir.

Segundo o analista do discurso, todo gênero carrega a sua própria composição e um tipo específico de linguagem. Entender esses dois aspectos é uma das formas de classificarmos um gênero. Para explicar, os artigos científicos, por exemplo, são voltados para uma linguagem mais acadêmica. Já os folhetos publicitários utilizam vários tipos de linguagens, considerando que dependem do público que aspiram conquistar. Todos eles são organizados e estruturados conforme as especificidades do seu gênero.

Sendo assim, é relevante explicitar que os recortes usados para esta análise, por serem histórias em quadrinhos, usam sua própria linguagem. Segundo Silva (2001, p. 1) o que “é comum a todos os autores é que as histórias em quadrinhos são uma forma de arte que combina imagem e texto que, através do encadeamento de quadros, narra uma história ou ilustra uma situação”. Considerando isso, entendemos que a linguagem dos objetos escolhidos tende a ser de fácil compreensão e que, por este motivo, são utilizados para propagar diversas informações.

### **O quadro cênico do quadrinho institucional**

A primeira história da Turma da Mônica adotada para este estudo é intitulada “Uso racional da água e saneamento básico”. A revista foi executada a pedido da Sabesp, por acreditar que esse meio de comunicação era o mais adequado para divulgar o seu conteúdo e levá-lo às crianças, dado que elas utilizam de elementos verbais e visuais para facilitar a compreensão do enunciado.

De início, destacaremos qual a finalidade desse texto e que situação cogita modificar. Mas, antes, é relevante destacarmos que, pelo fato de a revista possuir vinte e uma páginas, escolhemos apenas algumas delas para tomarmos como exemplo. O critério que utilizamos foi o de selecionar as páginas que ilustram a finalidade do gênero materializado na revista, como aquelas que enfatizam, com eficácia, como a poluição pode afetar o ecossistema, aquelas que discorrem sobre o que a falta de saneamento básico pode provocar e as páginas que ilustram os procedimentos que podemos seguir para diminuir com o problema a ser abordado.

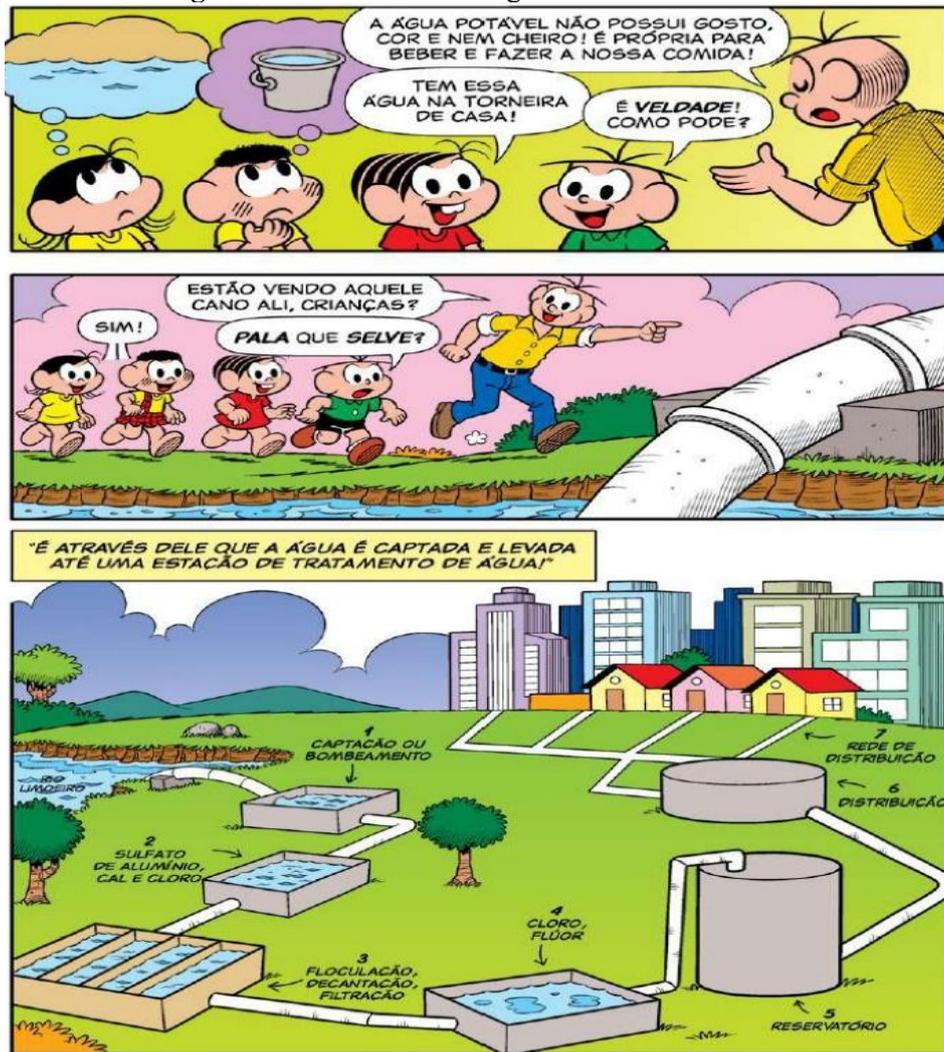
Na imagem a seguir, Cascão (um dos protagonistas) pergunta ao pai de Cebolinha (seu Cebola) o significado de “água potável”. O pai, com a intenção de ensinar as crianças, menciona que “a água potável não possui gosto, cor e nem cheiro! É própria para beber e fazer a nossa comida!”. Em seguida, Cebolinha se questiona como ocorre esse processo. O pai, novamente, relata que é através dos canos “que a água é captada e levada até uma estação de tratamento de água!”.

Figura 2 – Uso racional da água e saneamento básico



Fonte: Revista da Turma da Mônica - Editora Mauricio de Sousa – p. 6. 2017

Figura 3 – Uso racional da água e saneamento básico

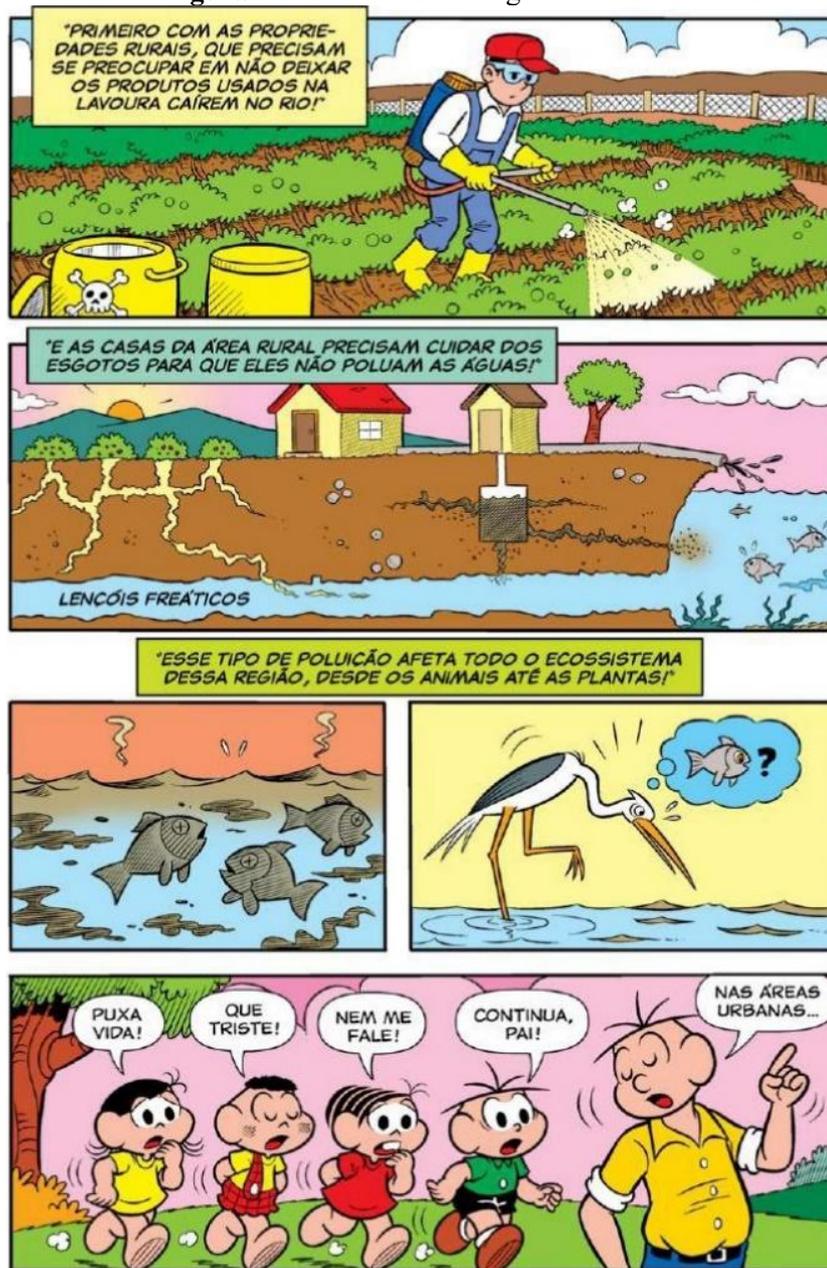


Fonte: Revista da Turma da Mônica - Editora Mauricio de Sousa – p. 7. 2017

Nas imagens apresentadas, nota-se que a Sabesp, mesmo de uma forma indireta, assume o papel de enunciador da história. Eles buscaram ensinar para o seu público, por meio dos gibis, o processo que a água precisa passar para exercer suas respectivas funções. Além de incentivar os seus leitores a não exercerem ações que prejudiquem o ecossistema, como é mostrado no próximo exemplo.

Mas, antes, é pertinente ressaltar que, mesmo estando a trama focalizada em ensinar um respectivo público, há elementos que geram humor. Verificamos que, pelo fato de os personagens não modificarem suas personalidades, mesmo estando em histórias que visam educar, promovem momentos cômicos. Na primeira figura, por exemplo, o comentário de Cascão sobre “ter medo de água”, sendo essa a característica predominante do personagem e o que gera o humor nas histórias em que ele participa, foi um dos casos que promoveram o efeito cômico na história, mesmo esse não sendo o objetivo da trama.

Figura 4 – Uso racional da água e saneamento básico



Fonte: Revista da Turma da Mônica - Editora Mauricio de Sousa – p. 9. 2017

No decorrer da história, a personagem Mônica pergunta o motivo de os rios estarem com mau cheiro e sem vida. Prontamente, seu Cebola explica para as crianças o motivo das águas ficarem poluídas. Ele descreve que as propriedades rurais precisam atentar-se a não deixar os produtos utilizados na lavoura caírem nos rios. Ainda, aborda que as casas nas áreas rurais precisam cuidar dos esgotos, a fim de não poluírem as águas, visto que essa ação pode afetar todo o ecossistema da região.

No que concerne às áreas urbanas, seu Cebola, no decorrer da trama, relata para as crianças que as casas construídas em bairros normais e com ocupações irregulares também precisam de água tratada e coleta de esgotos, uma vez que, quando não possuem esses serviços, os moradores fazem ligações clandestinas de água. Isso, portanto, pode causar muitas doenças para os indivíduos que residem nessas regiões. Tendo em vista que

o consumo dessa água e a poluição causada pela população, pode causar doenças severas para todos os habitantes do local, como exemplificado na próxima imagem.

**Figura 5** – Uso racional da água e saneamento básico



**Fonte:** Revista da Turma da Mônica – Editora Mauricio de Sousa – p.11. 2017

Ademais, a revista, além de exteriorizar sobre os problemas que a falta de saneamento pode causar, ensina para o seu público as ações que eles podem exercer para contribuir com o meio ambiente e diminuir a problemática mencionada.

A revista demonstrou que, se todas as pessoas pagarem suas contas de água e esgotos, mais pessoas terão acesso ao saneamento básico. Da mesma forma, relatou que

a água dos rios “precisa ser bem usada para que não seja necessário tirar tanta água da natureza” (Sousa, 2017b, p.15) Essas informações então incluídas no próximo exemplo.

Além disso, é válido salientar que o incentivo das ações expostas é do interesse da empresa Sabesp, por transmitir esses ensinamentos. Este, portanto, será um dos argumentos que comprovarão o gênero a ser classificado.

**Figura 6 – Uso racional da água e Saneamento básico**



**Fonte:** Revista da Turma da Mônica - Editora Mauricio de Sousa – p. 15. 2017

Diante de tudo que foi exposto, constatamos que a finalidade do gênero publicado na revista é transmitir as orientações passadas, no caso, pela empresa Sabesp, a fim de que mais pessoas tenham acesso ao saneamento básico. No que tange à situação que a revista procurou modificar, notamos que, ao incentivarem tais ações, doenças serão evitadas, dado que todos terão acesso ao saneamento básico.

O segundo aspecto a ser analisado está focado no papel que o enunciador e o destinatário exercem em cada gênero. Trazendo esse critério para este contexto,

percebemos que o enunciador desta história, conforme examinado, refere-se à empresa Sabesp, uma instituição que trata dos esgotos no estado de São Paulo. Dessa forma, a empresa, junto com um quadrinista, que no caso em questão, é a Mauricio de Sousa Produções, exerceram um papel institucional no conteúdo exposto.

Seu propósito com a produção dessa revista era passar as informações de seu trabalho para as crianças, em virtude de que elas são os destinatários do respectivo conteúdo, já que, conforme analisamos no *site*<sup>4</sup> da instituição, seu objetivo era distribuir esse material em escolas e igrejas. Ainda sobre esse pensamento, verificamos que os leitores dessa revista deverão assumir, como explicado nos estudos de Maingueneau (2013), o papel de pessoas a serem orientadas a respeito do assunto explicado.

Dando continuidade, após definirmos esses pontos, ainda há outros conceitos que nos auxiliarão a classificar o gênero desta história. Maingueneau (2015) pontua em sua obra que o lugar e o suporte utilizados para divulgar um determinado texto são dois dos elementos mais importantes para determinar o gênero de uma história. Para esta pesquisa, por exemplo, entendemos que o suporte é um dos recursos mais importantes, visto que, como mencionado pelo autor, se alterassem o suporte material responsável por propagar esse conteúdo, o seu gênero poderia ser modificado.

Posto isso, trazendo suas considerações para este objeto, percebemos que o suporte utilizado para expor o conteúdo foi uma revista, a qual não pode ser comercializada, e que seu público-alvo são as crianças. Se o material mencionado fosse distribuído na rua em formato de panfleto, no dia de algum evento político, por exemplo, poderia não atingir seu intuito. Para exemplificar, o interlocutor que pegar o material pode chegar à conclusão de que se trata de algum conteúdo cuja intenção seria promover algum político e não de um material que aspira instruir sobre a importância de racionalizar a água e de possuir saneamento básico.

O último critério situacional a ser discutido diz respeito ao tempo de validade dos gêneros. A validade, neste caso, refere-se a um dos critérios que compõem o item “temporalidade”. Assim, como esta revista não tem fins lucrativos e periodicidade pré-definida, o seu tempo de validade depende do período em que a empresa responsável estiver distribuindo o material nos devidos locais.

Em resumo, diante de todos os elementos apresentados, compreendemos que o primeiro recorte trata de uma história em quadrinhos institucional. Chegamos a essa constatação por meio dos critérios situacionais abordados por Maingueneau (2013; 2015; 2018), visto que a empresa Sabesp contratou esse canal de comunicação, o público destinado foram as crianças, a revista não pode ser comercializada e buscaram persuadir o seu público a uma ação que beneficiará toda a sociedade, pois, como afirmam Monteiro e Scholtz (2017), quando elas crescerem, se lembrarão do conteúdo que leram quando crianças. Ademais, de acordo com Sarro (2017), os gêneros institucionais procuram persuadir e ensinar um determinado público sobre um respectivo assunto, mas uma vez, comprovando a afirmação levantada.

### **O quadro cênico do quadrinho humorístico**

O segundo objeto a ser analisado denomina-se “Cebolinha em: a vida é dura, que tal amaciar?”. A história inicia mostrando, por meio de elementos visuais, o momento em que a personagem Mônica se depara com um amaciante. Ela pega o produto, usa-o para lavar seu coelho Sansão e o deixa secar no varal. Posteriormente, aparece Cebolinha no

<sup>4</sup>Essas informações podem ser encontradas no *site* da Sabesp: <https://sigrh.sp.gov.br/pageitems/450/news/1427>.

muro de sua casa, proferindo palavras ofensivas para a personagem: “Mônica baleia, saco de aleia<sup>5</sup>!!”. Logo, a Mônica, irritada, bate em seu amigo com o seu coelho de pelúcia.

No final da trama, Cebolinha, indignado, liga para a empresa de amaciante “cuti-cuti” e expressa a eles sua indignação em relação ao produto, dizendo que ele não amacia coisa nenhuma. Sua intenção era mencionar que o coelho de Mônica não ficou macio no momento em que ela bateu nele com o bichinho de pelúcia. Isso pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 7 – Cebolinha em: a vida é dura, que tal amaciar?



Fonte: Mungfali. Pinterest. 2023

Diante dessas informações, iniciaremos verificando qual a finalidade do gênero refletido na trama e que situação pretendem alterar. Considerando todas as informações expostas, observamos que essa história visou divertir o seu público com as travessuras de Cebolinha e Mônica. Um dos recursos utilizados foi o fato de a protagonista bater em Cebolinha, sendo essa ação algo recorrente entre os personagens e o que gera a marca de

<sup>5</sup>O personagem Cebolinha tem como característica principal trocar a letra “R” pela letra “L”.

humor em suas histórias. Além disso, mesmo a trama exposta não sendo uma história tão longa, há uma situação específica a ser modificada. Só que, nesse caso, a situação a ser alterada era a de Cebolinha, dado que ele almejava que sua vida parasse de ser “dura”, fazendo uma referência ao coelho de Mônica que não era macio e ela sempre o atingia com ele.

Sobre essa explicação, observamos que a indignação de Cebolinha, sendo evidenciada pela ligação que o personagem fez para a empresa de amaciantes a fim de explicar sua irritação, é o elemento principal que marca o humor da história, tendo em vista que essa quebra de expectativa que ocorre no final da trama gera a comicidade.

Em conjunto com esse argumento, existem dois aspectos que promovem o efeito cômico dessa história. Os termos “amaciar” e “duro”, utilizados neste contexto, fazem parte do conjunto de expressões que geram o efeito cômico da narrativa. Dessa forma, o termo “amaciar” nessa situação possui dois sentidos. Sabemos que os amaciantes são produtos utilizados para amaciar e dar cheiro, normalmente em roupas. No entanto, o personagem Cebolinha se equivocou com o significado desse termo. Para ele, o produto auxiliaria a “amaciar” a sua “vida”, devido ao fato de a personagem Mônica sempre bater nele com o seu coelho de pelúcia, o qual é “duro”. Logo, seu objetivo, no caso, era deixá-lo mais “macio”.

Ademais, há outra interpretação sobre esse caso. Temos o conhecimento de que os coelhos de pelúcia não são “duros”. O material utilizado para confeccionar esses ursinhos vem acompanhado de enchimentos, ou seja, os produtores desse brinquedo utilizam espumas com o intuito de estruturar os ursinhos de pelúcia e não de deixá-los “duros”.

Avançando para outro elemento, percebemos que os papéis exercidos pelos envolvidos nesta trama são distintos do primeiro caso estudado. Seu enunciador não é tão explícito quanto no último exemplo. Verificamos que o papel do produtor desse gênero, que no caso são os quadrinistas, foi executado pelo estúdio da Mauricio de Sousa Produções.

No que diz respeito aos destinatários, constatamos que a trama apresentada está direcionada para todos que gostam das histórias dos personagens. Assim, é igualmente necessário estabelecer o papel que os leitores devem assumir. Nessa situação, entendemos que os interlocutores são os leitores da plataforma do *Pinterest* e que, possivelmente, não conhecem o assunto desta história.

No tocante ao seu suporte, notamos que a narrativa foi publicada no *Pinterest*, site eletrônico que qualquer pessoa pode ter acesso. Entretanto, se a história fosse publicada em outro local, também poderia alterar o seu gênero. A título de exemplo, se realmente houvesse uma empresa de amaciantes chamada “cuti-cuti” (ou uma marca já existente), estaríamos em condições de acreditar que as informações contidas nas tiras tratam de um anúncio publicitário, o qual utilizou os personagens da Turma da Mônica, com o intuito de ganhar mais engajamento, tendo em vista a credibilidade dos personagens.

Com relação à temporalidade desse gênero, percebemos que não possui um tempo de validade definido. Pode durar até o momento em que estiver disponível na plataforma digital citada, diferenciando-se do exemplo anterior, que dura somente enquanto as revistas forem distribuídas.

Diante do exposto, chegamos à conclusão de que o segundo recorte está voltado para os quadrinhos humorísticos, por ter como foco alegrar todos os indivíduos através do humor. Um dos argumentos que comprova essa afirmação concerne aos estudos de Ramos (2014. s.p), o qual aborda que “as tiras cômicas teriam como marca constituinte a construção de um texto tendencialmente narrativo, que traria um desfecho inesperado. Tal qual nas piadas, a conclusão surpreendente seria a fonte do humor”. Logo,

compreendemos que o humor está presente no recorte selecionado, pelo fato de seu final ser inesperado. O personagem Cebolinha realmente acreditou que o amaciante poderia auxiliá-lo a “amaciá-lo” a sua vida, já que, no momento em que a Mônica fosse bater nele com o seu coelho, o qual para ele é “duro”, ele não sentiria nenhuma dor. Assim, o que marca o humor da trama é o momento em que ele liga para a empresa de amaciante “cuti-cuti” e aborda sua indignação.

Em face de tudo o que foi analisado, ainda há outra questão a ser examinada neste estudo, que também concerne à determinação de um gênero. Esse elemento é denominado por Maingueneau (2013; 2015; 2018) de “cena englobante”, cujo significado se refere ao tipo de discurso. No início da análise, explicamos a respeito da cenografia e do quadro genérico. Contudo, acreditamos ser viável analisar a cena englobante separadamente.

Mediante essa análise, percebemos que a cena englobante pode ocasionar um certo conflito com a cena genérica, por afetar a construção do quadro cênico dos textos, mesmo que, como neste caso, envolva os mesmos personagens. Isso acontece porque cada tipo de discurso possui características únicas.

No primeiro recorte, por exemplo, o fato de a HQ ser de cunho institucional implica uma análise distinta da humorística, uma vez que esse gênero busca persuadir e ensinar as ações passadas por uma dada instituição. Desse modo, a principal diferença da cena englobante do quadrinho institucional em relação ao humorístico está relacionada com os enunciadores e destinatários que cada gênero engloba.

Para finalizar, verificamos que a voz principal do quadrinho institucional trata da empresa Sabesp, que buscou transmitir para as crianças a importância do saneamento básico. Igualmente, a Mauricio de Sousa Produções (MSP), por ser a produtora da revista, também é considerada uma das vozes autorais. No entanto, a Sabesp, por contratar os serviços da MSP, é a voz predominante da história.

Já o quadrinho humorístico, como seu tipo de discurso é centrado no humor, as características desse gênero foram implementadas na trama. Seu enunciador não foi uma instituição, e sim o próprio estúdio da Mauricio de Sousa Produções, que criou a história apresentada a fim de divertir seus leitores. Assim, como analisado, a trama está vinculada a todos que gostam das histórias da Turma da Mônica.

### **Considerações finais**

Com base nesta análise, constatamos que os critérios situacionais dos gêneros das histórias em quadrinhos interferem em sua produção, mesmo quando os conteúdos envolvem os mesmos personagens. Além disso, por mais que ambas as histórias apresentem a mesma cenografia, destacamos algumas particularidades que nos auxiliaram a realizar tais distinções.

Observamos que a primeira história trata de um quadrinho institucional, pelas características que a revista apresentou, como o fato de persuadir o seu público a realizar ações que beneficiarão a sociedade. Já a segunda está voltada para o quadrinho humorístico em virtude de buscar entreter o seu público com as travessuras de Cebolinha e Mônica. Os recursos utilizados para gerar a comicidade foram o uso das palavras “amaciá-lo” e “duro”, juntamente com a quebra de expectativa localizada no final da trama.

No que concerne ao conhecimento linguístico, entendemos que as histórias em quadrinhos possuem sua própria linguagem e que, normalmente, são de fácil compreensão por empregarem tanto elementos visuais quanto verbais para exibir o conteúdo desejado, tornando-se acessíveis a todos.

Com relação à finalidade do gênero, notamos que esse critério é um dos mais importantes, por nos permitir identificar o que as histórias buscam transmitir. Além disso,

verificar qual situação determinada história cogita modificar, também é um dos aspectos fundamentais para classificar um gênero. A revista institucional, por exemplo, teve como finalidade instruir o seu público sobre a importância do trabalho exercido pela Sabesp, além de incentivar os cidadãos a possuírem o saneamento básico. Igualmente, a situação que procuraram alterar diz respeito ao fato de a revista incentivar ações que evitem contaminações causadas pelo consumo de águas que não foram devidamente tratadas.

Quanto a HQ humorística, notamos que sua finalidade foi divertir os leitores através do humor. Esse aspecto foi observado pelo final inesperado da história, que aborda a indignação de Cebolinha com a empresa de amaciante. Em relação à situação que a trama visou alterar, entendemos que a história teve como propósito mudar a situação do personagem Cebolinha, pois ele queria que sua vida parasse de ser “dura”, fazendo uma referência ao coelho de Mônica, que, para ele, era “duro”.

No que diz respeito ao lugar, o momento e o suporte material de um texto, avaliamos que também são fatores essenciais para distinguir os dois exemplos. Para exemplificar, o gênero institucional foi materializado em formato de revista para poder ser distribuído fisicamente em escolas e igrejas. Se o material ou local de entrega fossem modificados, poderia alterar o seu gênero de discurso. Nesse sentido, o mesmo poderia ocorrer com a história em quadrinho humorística, visto que foi publicada em um *site* eletrônico chamado *Pinterest*. Porém, se o local de publicação fosse outro, poderia alterar seu gênero.

O último critério analisado refere-se à temporalidade de cada gênero. No caso do quadrinho institucional, seu tempo de validade depende dos dias em que o material estiver sendo distribuído. O quadrinho humorístico, no entanto, não possui um tempo de validade definido, já que está publicado em uma plataforma na internet que possibilita o acesso a qualquer momento.

Por fim, quanto à cena englobante, examinamos que ela pode gerar um certo conflito com a cena genérica que utilizamos como base para esta análise, devido ao argumento de que as características únicas que cada tipo de discurso engloba influenciam no quadro cênico dos textos.

## Referências

- BORTOLUZZI, Rédi Roger Bauer. Quadrinhos institucionais de temática militar: uma comparação entre a turma da Mônica e recrutinha. In: *6as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, 2019, São Paulo. Escola de Comunicações e Artes da USP. Disponível em: [https://jornadas.eca.usp.br/anais/6asjornadas/q\\_educacao/redi\\_bortoluzzi.pdf](https://jornadas.eca.usp.br/anais/6asjornadas/q_educacao/redi_bortoluzzi.pdf). Acesso em: 09 jun. 2024.
- INSTITUTO Pró-livro. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. Ibope inteligência. 4ª edição. 2016. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf). Acesso em: 20 jun. 2024.
- INSTITUTO Pró-livro. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. Ibope inteligência. 5ª edição. Itaú Cultural. 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/lorra/Downloads/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura-IPL\\_dez2020-compactado.pdf](file:///C:/Users/lorra/Downloads/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-IPL_dez2020-compactado.pdf). Acesso em: 26 ago. 2024.
- IMAGENS PNG. Turma da Mônica. *Pinterest*. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/347340190013580546/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Maria Cecília P. de Souza - e Silva, Décio Rocha. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2. ed. 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. *Ciência em quadrinhos: recurso didático em cartilhas educativas*. Recife. 2008. 223f. Tese (doutorado em linguística) - Universidade Federal de Pernambuco. Fortaleza, 2008.
- MUNGFALI. Cebolinha em: a vida é dura, que tal amaciar? *Pinterest*. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/440297301081785221/>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- QUEIROZ, Jozefh Fernando Soares. *Humor em quadrinhos: um estudo de narrativas gráficas brasileiras*. 122f. Dissertação. Universidade Federal de Alagoas - Faculdade de Letras. Programa de pós-graduação em letras e linguística. Maceió, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6242/1/Humor%20em%20quadrinhos%20um%20estudo%20de%20narrativas%20gr%C3%A1ficas%20brasileiras%20e%20argentinas.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- RAMOS, Paulo. Gêneros do humor nos quadrinhos. In: LINS, Maria da Penha Pereira; CAPISTRANO JR., Rivaldo (Orgs.). *Quadrinhos sob diferentes olhares*. Vitória: PPGEL-UFES. p. 65-86.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. *História em Quadrinhos Infantil: leitura para crianças e adultos*. Marca de Fantasia. Parahyba, 2022. 2. ed. Disponível em: <https://marcadefantasia.com/livros/quiosque/hqinfantil/hqinfantil.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. Humor, metalinguagem e intertextualidade nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa. In: *2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, 2013, São Paulo. Escola de Comunicações e Artes da USP. Disponível em: <https://jornadas.eca.usp.br/anais/2asjornadas/anais/3%20-%20ARTIGO%20-%20ROBERTO%20ELISIO%20DOS%20SANTOS%20-%20HQ%20E%20HUMOR.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- SARRO, Ed Marcos. *Quadrinhos de uso corporativo e a contemporaneidade: do boom nos anos 90 ao declínio do gênero no Brasil*. 2017. 155 f. Tese (Doutorado em comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-07072017-114035/publico/EDMARCOSSARROVC.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- SCHOLTZ, Alexandre; MONTEIRO, Maria da Graça Miranda de França. O uso de história em quadrinhos na comunicação institucional: estudo de caso do gibi Recrutinha. 2017. *Negócios em Projeção*, volume 8, número 1. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180423194339id/http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao1/article/viewFile/852/676>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001*. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145679190592438538598866043670438455063.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- SOUSA, Mauricio de. *A história que não está no gibi*. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2017a.

SOUSA, Mauricio de. *Uso racional da água e saneamento básico*. São Paulo. Editora Mauricio de Sousa. Sabesp. Governo do Estado de São Paulo. 2017b.

TAKAHASHI, Thiago Seiji. *A potencialidade dos quadrinhos na educação corporativa: gibis impressos, digitais e Graphic Novels*. 2015. 222f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

*Submetido em 5 setembro de 2024.*  
*Aprovado em 9 de dezembro de 2024.*